

o colecionador

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Em memória da minha mãe,
que colecionava tudo,*



*e do meu pai,
que arranjava sempre espaço.*



PRIMEIRA PARTE

O meu lar é onde penduro o meu chapéu.

JOHNNY MERCER



Um

Ela estava a ver que eles nunca mais se iam embora. Os clientes, especialmente os novos, tinham tendência a delongar-se com minudências excessivas, repetindo continuamente instruções, números de contacto e comentários antes de saírem finalmente porta fora. Ela compreendia-os, porque, quando saíam porta fora, deixavam a sua casa, os seus pertences e, naquele caso, o seu gato, nas mãos de outra pessoa.

Como cuidadora da casa, Lila Emerson fazia tudo o que podia para que partissem descansados e confiantes de que as suas mãos eram competentes.

Nas três semanas seguintes, enquanto Jason e Macey Kilderbrand desfrutassem do Sul de França com amigos e família, Lila viveria no seu luxuoso apartamento em Chelsea, regaria as plantas, alimentaria e brincaria com o seu gato, reuniria a correspondência — e reenviaria o que fosse importante.

Cuidaria do bonito jardim no terraço de Macey, mimaria o gato, anotaria mensagens e evitaria assaltos com a sua simples presença.

Enquanto isso, desfrutaria da sua estadia no edifício London Terrace, em Nova Iorque, como havia desfrutado da estadia no encantador apartamento em Roma — onde, por uma gratificação adicional, havia pintado a cozinha — e na enorme casa em Brooklyn, com o brincalhão *golden retriever*, o doce e já velhote *Boston terrier* e o aquário de coloridos peixes tropicais.

Havia visto muito de Nova Iorque, no decurso dos seis anos como

cuidadora profissional de casas, e nos últimos quatro alargara as suas opções para ver também um pouco do resto do mundo.

Era um bom trabalho, para quem conseguia arranjá-lo, pensou; e ela conseguia.

— Anda, *Thomas*. — Lila acariciou o esguio corpo do gato, da cabeça à cauda. — Vamos desfazer as malas.

Ela gostava de se instalar, e como o espaçoso apartamento tinha um quarto de hóspedes, desfez a primeira das suas duas malas, arrumando algumas peças de roupa na cómoda com espelho e pendurando outras no organizado *closet*. Havia sido avisada de que muito provavelmente *Thomas* insistiria em partilhar a cama consigo, e trataria de resolver a questão. E agradou-lhe que os clientes, provavelmente Macey, tivessem deixado um bonito ramo de frésias na mesinha de cabeceira.

Lila adorava pequenos toques pessoais, o dar e receber.

Havia já decidido fazer uso da casa de banho principal, com o seu espaçoso duche de vapor e funda banheira de hidromassagem.

— Nunca desperdices nem abuses das comodidades — disse ela a *Thomas*, enquanto guardava os seus produtos de higiene pessoal.

Como as duas malas continham praticamente tudo o que ela possuía, teve algum cuidado em distribuir as suas coisas por onde melhor lhe convinha.

Após alguma reflexão, resolveu montar o escritório na zona de refeições, colocando o computador portátil de modo a poder erguer os olhos e contemplar a vista de Nova Iorque. Numa área mais reduzida, teria trabalhado de bom grado no quarto, mas como tinha espaço, ia aproveitá-lo.

Haviam-lhe explicado o funcionamento de todos os eletrodomésticos da cozinha, dos controlos remotos e do sistema de segurança; a casa ostentava uma série de *gadgets* que apelavam à sua alma de *nerd*.

Na cozinha, Lila encontrou uma garrafa de vinho, uma bonita taça de fruta fresca e uma série de queijos requintados, com um bilhete manuscrito numa folha de papel com o monograma de Macey.

Desfruta da nossa casa!
Jason, Macey e Thomas

Que queridos, pensou Lila; e iria desfrutar dela com toda a certeza.

Abriu o vinho, serviu um copo, bebericou e aprovou. Agarrou nos seus binóculos e levou o copo até ao terraço para admirar a vista.

Os clientes faziam bom uso do espaço, pensou, com um par de cadeiras confortáveis, um rústico banco de pedra e uma mesa de vidro... bem como os vasos de flores viçosas, os bonitos tomates-cereja e as ervas aromáticas que a tinham encorajado a colher e utilizar.

Lila sentou-se com *Thomas* ao colo, a bebericar o vinho e a acariciar-lhe o pelo sedoso.

— Aposto como eles se sentam aqui muitas vezes a beber um copo, ou café. Parecem um casal feliz. E a casa tem uma boa energia. Percebe-se. — Fez cócegas debaixo do queixo de *Thomas*, deixando uma expressão de deleite nos seus olhos verdes. — Ela vai telefonar e mandar muitos *e-mails* nos primeiros dias, por isso vamos tirar-te algumas fotografias, fofinho, e enviar-lhas, para que ela veja que estás bem.

Pôs o vinho de lado, levantou os binóculos e perscrutou os edifícios. O complexo de apartamentos abarcava um quarteirão inteiro, permitindo pequenos vislumbres de outras vidas.

Outras vidas fascinavam-na.

Uma mulher, mais ou menos da sua idade, usava um curto vestido preto que assentava no seu corpo alto e magro como uma segunda pele. Andava de um lado para o outro enquanto falava ao telemóvel. Não parecia feliz, pensou Lila. *Encontro desmarcado. Ele diz que tem de trabalhar até tarde*, acrescentou Lila, tecendo a trama na sua cabeça. *Ela está farta de desculpas*.

Um par de andares acima, dois casais, sentados numa sala de estar — de paredes cobertas de arte e mobília elegante e contemporânea —, riam-se enquanto tomavam o que pareciam ser uns martinis.

Era óbvio que não gostavam do calor do verão tanto como ela e *Thomas*, senão ter-se-iam sentado no exterior, no seu pequeno terraço.

Velhos amigos, decidiu ela, que se reuniam com frequência e por vezes faziam férias juntos.

Uma outra janela abria o mundo a um menino que rebojava pelo chão com um cachorrinho branco. A pura felicidade de ambos repercutia-se no ar e fez Lila rir-se.

— Ele sempre quis um cachorro... sendo que, naquela idade, «sempre» serão provavelmente alguns meses... e hoje os pais fizeram-lhe uma surpresa. Vai recordar este dia a vida toda e um dia fará uma surpresa idêntica ao filho ou à filha. — Satisfeita com a conclusão, Lila baixou os binóculos. — Muito bem, *Thomas*, vamos trabalhar umas horinhas. Eu sei, eu sei — continuou ela, pousando-o no chão e pegando no meio copo

de vinho. — A maior parte das pessoas já concluiu o trabalho por hoje. Vão jantar fora, encontrar-se com amigos... ou, no caso da louraça de vestido preto, lamuriar-se por não sair. Mas a questão é... — Esperou que ele entrasse no apartamento à sua frente. — Eu faço o meu horário. É uma das vantagens.

Lila tirou uma bola, que era ativada pelo movimento, do cesto de brinquedos de gato no armário da cozinha e fê-la rolar pelo chão.

Thomas lançou-se de imediato sobre a bola, atacando-a, golpeando-a e perseguindo-a.

— Se eu fosse gato, — especulou ela, — também ficaria doida com isso.

Com *Thomas* alegremente ocupado, Lila agarrou no controlo remoto e pôs música a tocar. Tomou nota da estação sintonizada, para poder voltar a sintonizá-la antes do regresso dos Kilderbrand. Trocou o *jazz* pelo *pop* contemporâneo.

Cuidar de casas proporcionava alojamento, rendimento e aventura. Mas a escrita pagava os custos. Escrever em regime de *freelance* e servir à mesa haviam-na mantido acima da linha de água durante os dois primeiros anos em Nova Iorque. Mas quando começara a cuidar de casas — inicialmente como favor a amigos, e amigos de amigos —, é que havia tido realmente tempo e oportunidade para trabalhar no seu romance.

Depois tivera a sorte de cuidar da casa de um editor que se havia interessado pelo seu trabalho. O seu primeiro livro, *Moon Rise*, tinha vendido bem. Não havia sido um *best-seller* explosivo, mas havia vendido de forma regular e tido uma boa aceitação entre os jovens dos catorze aos dezoito anos — o seu público-alvo. O segundo chegaria às lojas em outubro e ela fazia figas para que corresse igualmente bem.

Mas, naquele momento, ela precisava de se concentrar no terceiro livro da série.

Apanhou os longos cabelos castanhos num torcido rápido e prendeu-os no cimo da cabeça com uma grande mola de padrão tartaruga. Enquanto *Thomas* perseguia alegremente a bola, ela instalou-se com o seu meio copo de vinho, um copo alto com água e gelo e a música que imaginava que a sua personagem principal, Kaylee, escutava.

Como aluna do sétimo ano, Kaylee lidava com todos os altos e baixos — as paixonetas, os trabalhos de casa, as meninas más, os intimidadores, as intrigas, as desilusões amorosas e os triunfos — que preenchiam os curtos e intensos anos de liceu.

Um caminho complicado, principalmente para uma aluna nova, como havia acontecido no primeiro livro. Ainda mais, claro está, para Kaylee, que pertencia a uma família de licantropos.

Não era fácil terminar um trabalho escolar, nem ir ao baile de estudantes numa noite de lua cheia, quando se era um licantropo.

Agora, no terceiro livro, Kaylee e a família estavam em guerra com um clã rival, que se alimentava de humanos. Talvez fosse um pouco sanguinário para alguns dos leitores mais novos, pensou Lila, mas era esse o caminho da história. Não podia ser de outra maneira.

Lila retomou a narrativa onde Kaylee lidava com a traição do rapaz que pensava amar, um trabalho atrasado sobre as guerras napoleônicas e o facto de a sua bela e loura arqui-inimiga a ter trancado no laboratório de ciências.

A Lua nasceria em vinte minutos, altura em que o Clube de Ciência chegaria para a sua reunião.

Ela tinha de conseguir escapar antes da transformação.

Lila embrenhou-se na escrita, mergulhando alegremente em Kaylee, no seu receio de exposição, na dor da desilusão amorosa, na fúria que sentia por Sasha, a chefe de claque comedora (literalmente) de homens.

Quando conseguiu finalmente libertar Kaylee e, mesmo à justa — cortesia de uma bomba de fumo que atraiu a subdiretora, que era outro tormento constante para Kaylee —, resolver o sermão, o castigo e o veloz regresso a casa enquanto a sua heroína sofria a transformação, Lila havia já trabalhado três horas seguidas.

Satisfeita consigo mesma, emergiu da história e olhou em volta.

Exausto da brincadeira, *Thomas* estava enrolado na cadeira ao seu lado e as luzes da cidade brilhavam do outro lado da janela.

Lila preparou o jantar de *Thomas* de acordo com as instruções que lhe haviam sido dadas. Enquanto o gato comia, foi buscar a sua ferramenta multiusos *Leatherman* e usou a chave de fendas para apertar alguns parafusos na despensa.

A seu ver, parafusos soltos eram uma via para o desastre. Tanto nas pessoas como nas coisas.

Reparou nuns cestos de metal com rodízios, ainda nas suas caixas. Provavelmente para batatas e cebolas. Agachou-se, lendo a descrição e a garantia de instalação fácil. Tomou nota mental de enviar um *e-mail* a Macey, a perguntar se queria que os instalasse.

Seria um pequeno projeto rápido e satisfatório.

Serviu-se de um segundo copo de vinho e preparou um jantar tardio de fruta, queijo e bolachas de água e sal. Sentou-se de pernas cruzadas na sala de jantar, com *Thomas* ao colo, e comeu enquanto lia e enviava *e-mails*. Deu uma olhada no seu blogue e tomou nota para uma nova entrada.

— Está na hora de deitar, *Thomas*.

O gato limitou-se a bocejar quando ela agarrou no comando para desligar a música e o tirou do colo para poder tratar da louça e desfrutar do silêncio da sua primeira noite num espaço novo.

Depois de vestir umas calças de algodão e uma camisola de alças, verificou o sistema de segurança e revisitou os vizinhos através dos binóculos.

Afinal parecia que a louraça tinha saído e deixado a luz da sala de estar acesa na mínima intensidade. O par de casais também saíra. Talvez para jantar, ou para assistir a algum espetáculo, pensou Lila.

O menino devia estar a dormir profundamente, com sorte, com o cachorrinho enroscado ao seu lado. Lila conseguia ver a cintilação de uma televisão e imaginou a mãe e o pai a relaxarem juntos.

Outra janela mostrava uma festa. Um grupo de pessoas bem vestidas, em trajes formais de *cocktail*, convivia entre si com bebidas ou pequenos pratos na mão.

Lila observou por momentos e imaginou as conversas, incluindo uma segredada entre a morena do curto vestido vermelho e o deus bronzeado do fato cinza-pérola que, na sua imaginação, estavam a ter um tórrido romance debaixo dos narizes da sofredora mulher dele e do ignorante marido dela.

Deu mais uma olhada, parou, baixou os binóculos por um instante e voltou a olhar.

Não, o tipo musculado no... décimo segundo andar não estava completamente nu. Usava uma tanga enquanto se bamboleava de modo impressionante, rodopiava e se agachava.

Estava já bastante suado, reparou ela, enquanto repetia os movimentos e acrescentava outros.

Tratava-se certamente de um ator/bailarino que fazia biscates como *stripper* enquanto esperava pela sua grande oportunidade na Broadway.

Ela gostava de o observar. Bastante.

O espetáculo da janela manteve-a entretida durante meia hora antes de ela se aconchegar na cama... e, de facto, *Thomas* juntou-se a si. Ligou

a TV pela companhia e decidiu-se por um episódio repetido de *NCIS*, no qual ela conseguia, literalmente, recitar o diálogo antes das personagens. Confortada com isso, agarrou no seu iPad, encontrou o romance policial que havia começado a ler no avião desde Roma e enroscou-se.

No decurso da semana seguinte, Lila estabeleceu uma rotina. *Thomas* acordava-a com maior precisão do que qualquer despertador, às sete em ponto, quando suplicava, vocalmente, pelo pequeno-almoço.

Ela alimentava o gato, fazia café, regava as plantas de interior e de exterior e tomava um breve pequeno-almoço enquanto visitava os vizinhos.

A louraça e o amante — não tinham comportamento típico de casados — discutiam muito. A louraça tinha tendência para atirar objetos quebráveis. O «senhor falinhas-mansas», que era um deleite para a vista, tinha bons reflexos e charme a potes. As brigas, praticamente diárias, terminavam em sedução e rompantes de paixão.

A seu ver, estavam bem um para o outro. Por enquanto. Nenhum deles lhe parecia predisposto para longos relacionamentos, com ela a lançar pratos ou peças de roupa e ele a agachar-se, a sorrir e a seduzir.

Jogadores, pensou ela. Jogadores atraentes e sensuais, e ficaria muito surpreendida se ela não tivesse outro caso por fora.

O menino e o cachorrinho continuavam com o seu romance, enquanto a mãe e o pai, ou a ama, limpavam pequenos acidentes. A mãe e o pai saíam juntos quase todas as manhãs, trajados de uma maneira que, na opinião de Lila, indicava carreiras de sucesso.

Os «martínis», como Lila os apelidara, raramente utilizavam o seu pequeno terraço. Ela era, decididamente, uma daquelas senhoras que almoçava fora, pois deixava todos os dias o apartamento no final da manhã e regressava ao final da tarde, habitualmente com um saco de compras.

Os «festivos» raramente passavam a noite em casa e pareciam desfrutar de um tipo de vida frenético.

E o «corpo» praticava a sua dança com regularidade... para gáudio de Lila.

Ela gozava-se com o espetáculo e com as histórias que criava todas as manhãs. Trabalhava durante a tarde, e parava para divertir o gato antes de se vestir e sair para comprar o que lhe apetecesse jantar e ver o bairro.

Enviava fotografias de um *Thomas* feliz aos clientes, apanhava tomates, verificava a correspondência. Compôs uma cruel batalha entre licantropos e atualizou o seu blogue. E instalou os dois cestos na despensa.

No primeiro dia da segunda semana, comprou uma garrafa de *Barolo*, repôs a seleção de queijos requintados e acrescentou uns *cupcakes* em miniatura de uma maravilhosa padaria do bairro.

Pouco depois das sete da tarde, abriu a porta ao grupo de convidados que se resumia à sua melhor amiga.

— Aqui estás tu. — Julie, que trazia uma garrafa de vinho numa mão e um perfumado ramo de lírios brancos na outra, conseguiu abraçá-la.

Com um metro e oitenta de curvas e ondulados cabelos ruivos, Julie Bryant era o extremo oposto de Lila, com a sua estatura média, corpo magro e cabelos castanhos lisos.

— Trouxeste um bronzeado de Roma. Meu Deus, eu podia usar um fator de proteção solar de 500, que, ainda assim, acabava a parecer uma lagosta debaixo do sol italiano! Tu estás ótima.

— Quem não estaria, depois de duas semanas em Roma? Só a massa... Eu disse-te que comprava o vinho — acrescentou Lila quando Julie lhe enfiou a garrafa na mão.

— Agora temos duas. E bem-vinda a casa.

— Obrigada. — Lila aceitou as flores.

— Uau, que casa! É enorme e a vista é deslumbrante. O que faz esta gente?

— Para começar, a família tem dinheiro.

— Oh, quem me dera.

— Vamos primeiro à cozinha, para eu tratar das flores, e depois mostro-te tudo. Ele trabalha em gestão e eu não percebo nada do assunto. Adora o trabalho e prefere o ténis ao golfe. Ela faz alguns trabalhos de *design* de interiores, e podemos ver que é competente pela decoração deste apartamento. Estava a pensar fazer disso profissão, mas como andam a falar em ter filhos, ela não está segura de que esta seja a melhor altura para formar o seu próprio negócio.

— São clientes novos, certo? E, mesmo assim, partilham contigo esse tipo de pormenores pessoais?

— O que queres que eu diga? Tenho uma cara que inspira confiança. Diz olá ao *Thomas*.

Julie agachou-se para cumprimentar o gato. — Tem um focinho muito bonito.

— É um doce. — Os intensos olhos castanhos de Lila suavizaram enquanto Julie e *Thomas* faziam amizade. — Os animais de estimação nem sempre são uma vantagem neste trabalho, mas o *Thomas* é.

Tirou um rato motorizado do cesto de brinquedos de *Thomas* e desfrutou do riso fácil de Julie quando o gato começou a persegui-lo.

— Oh, ele é o máximo! — Julie endireitou-se e encostou-se ao balcão cinza-pedra enquanto Lila arranjava os lírios numa jarra de vidro transparente.

— Roma estava fabulosa?

— Sim, sem dúvida.

— E encontrei um italiano lindo com quem fazer sexo tresloucado?

— Infelizmente, não, mas acho que o proprietário do mercado local se apaixonou por mim. Tinha uns oitenta anos de idade, mais coisa menos coisa. Tratava-me por «*una bella donna*» e oferecia-me pêssegos maravilhosos.

— Não é tão bom como sexo, mas já é alguma coisa. Nem acredito que perdi o teu regresso.

— Obrigada pela noite que me deixaste passar em tua casa, entre trabalhos.

— Sempre às ordens, tu sabes. Mas gostava de ter estado lá.

— Como foi o casamento?

— Preciso, decididamente, de um copo de vinho, antes de dar início ao relato da infernal semana do casamento da minha prima Melly, nos Hamptons, e à razão pela qual me aposentei oficialmente da função de dama de honor.

— Achei as tuas mensagens divertidas. Gostei especialmente daquela... «*A cabra louca da noiva diz que as pétalas de rosa têm o tom errado de rosa. Segue-se um ataque de histeria. Tenho de destruir a cabra louca da noiva pelo bem da humanidade.*»

— E estive perto de o fazer. Oh, não! Soluços, tremores, desespero. As pétalas são rosa-choque! Têm de ser rosa. Julie! Trata disso, Julie! Estive quase a tratar-lhe da saúde.

— Ela tinha realmente meia tonelada de pétalas?

— Quase.

— Devias tê-la enterrado nelas. Noiva asfíxiada por pétalas de rosa. Todos pensariam tratar-se de um trágico e irónico acidente.

— Se eu me tivesse lembrado... Senti mesmo saudades tuas. Prefiro

quando estás a trabalhar em Nova Iorque e eu posso ver as casas e passar algum tempo contigo.

Lila observou a amiga enquanto abria o vinho. — Devias ir comigo um dia... quando for algum sítio fabuloso.

— Eu sei, estás sempre a dizer isso. — Julie deambulava enquanto falava. — Mas não sei se não me sentiria desconfortável por ficar hospedada... Oh, meu Deus, olha para esta porcelana! Só pode ser uma antiguidade e é espetacular.

— Era da bisavó da minha cliente. E se não te sentes desconfortável por passares uma noite comigo onde quer que seja, também não te sentirias desconfortável por ficares hospedada alguns dias. Ficas hospedada em hotéis.

— Não mora lá ninguém.

— Algumas pessoas moram. A Eloise e a Nanny moravam.

Julie deu um puxão no longo rabo de cavalo de Lila. — A Eloise e a Nanny eram de ficção.

— As personagens de ficção não deixam de ser pessoas. De contrário, porque nos importáramos com o que lhes acontece? Toma, vamos beber isto no pequeno terraço. Espera até veres o jardim de vasos da Macey. A família dela começou em França... com as vinhas. — Lila pegou na bandeja com a descontração da empregada de mesa que havia sido em tempos. — Conheceram-se há cinco anos, quando ela estava lá a visitar os avós, como estão a fazer neste momento, e ele estava de férias e foi ver a adega deles. Ambos afirmam que foi amor à primeira vista.

— É o melhor. À primeira vista.

— Eu diria que é coisa de ficção, mas acabei de defender a ficção. — Conduziu a amiga até ao terraço. — Por coincidência, viviam ambos em Nova Iorque. Ele ligou-lhe e saíram juntos. E, cerca de dezoito meses depois, estavam a trocar alianças.

— Como um conto de fadas.

— Que eu também diria que são coisa de ficção, só que eu adoro contos de fadas. E eles parecem ser um casal realmente feliz. E, como verás, ela tem mesmo jeito para as plantas.

Quando saíram para o terraço, Julie tocou nos binóculos. — Continuas a espiar?

A grande boca de Lila, cujo lábio superior era bastante carnudo, curvou-se num beicinho. — Não é espiar. É observar. Se as pessoas não querem ser observadas, deviam fechar as cortinas e baixar os estores.

— Pois, pois. Uau! — Julie apoiou as mãos nas ancas enquanto perscrutava o terraço. — Tens razão em relação ao jeito dela para as plantas. — As plantas, que cresciam viçosas e plenas de cor em simples vasos de barro, transformavam o espaço urbano num oásis criativo. — Ela plantou tomates?

— São maravilhosos. E as ervas aromáticas? Plantou-as ainda em semente.

— É possível fazer isso?

— A Macey faz. Como eles me disseram que podia, eu colhi algumas. Ontem à noite, fiz uma bela salada para o jantar. Comi-a aqui fora, com um copo de vinho, enquanto via o espetáculo das janelas.

— Tens uma vida muito peculiar. Fala-me das pessoas das janelas.

Lila serviu vinho e, pelo sim pelo não, foi buscar os binóculos.

— Temos a família do décimo andar, cujos pais acabaram de oferecer um cachorrinho ao filho pequeno. O miúdo e o cachorro são incrivelmente bonitos e adoráveis. É amor verdadeiro e divertido de observar. Há uma loura sensual no décimo quarto, que vive com um tipo muito atraente; podiam ambos ser modelos. Ele vem e vai, e têm conversas muito intensas e discussões violentas com objetos voadores, seguidas de sexo desvairado.

— Tu observa-los a fazer sexo? Lila, dá-me esses binóculos!

— Não! — Lila riu-se e abanou a cabeça. — Eu não os observo a fazer sexo. Mas consigo perceber que é isso que se passa. Eles falam, brigam, andam de um lado para o outro enquanto ela esbraceja, depois agarram-se e começam a despir-se. No quarto, na sala. Não têm um terraço como este, mas têm aquela pequena varanda no quarto. Uma vez, quando voltaram a entrar no quarto, já estavam completamente nus.

»E, por falar em nudez, há um tipo no décimo segundo... Espera, talvez ele esteja em casa. — Lila agarrou nos binóculos para verificar. — Oh, sim, bebé. Vê-me isto. Décimo segundo piso, terceira janela a contar da esquerda.

Bastante curiosa, Julie agarrou nos binóculos e encontrou, finalmente, a janela. — Oh, meu Deus. Mmmm... Ele sabe mexer-se bem. Devíamos ligar-lhe e convidá-lo a vir aqui.

— Não me parece que façamos o estilo dele.

— Entre nós as duas, fazemos o estilo de qualquer homem.

— É gay, Julie.

— Não podes perceber isso daqui. — Julie baixou os binóculos,

franziu o sobrolho e voltou a levantá-los para mais uma olhadela. — O teu radar de gays não consegue saltar de um edifício para outro como o Super-homem.

— Ele usa tanga. Não preciso de dizer mais nada.

— É para lhe facilitar os movimentos.

— Tanga — repetiu Lila.

— Ele dança todas as noites?

— Quase todas. Calculo que seja ator e que trabalhe em *part-time*, num clube de striptease, até conseguir a sua oportunidade.

— Tem um corpo fantástico. O David tinha um corpo fantástico.

— Tinha?

Julie pousou os binóculos e mimou o gesto de quem quebra um galho em duas partes.

— Quando?

— Logo a seguir à infernal semana do casamento nos Hamptons. Tinha de ser, mas eu não queria fazê-lo durante o casamento, que já estava a ser suficientemente mau.

— Lamento, querida.

— Obrigada, mas tu também não gostavas do David.

— Não gostava, nem deixava de gostar.

— Vai dar ao mesmo. E embora ele fosse um deleite para a vista, tinha-se tornado demasiado pegajoso. Queria saber onde eu ia, quanto tempo ia demorar, blá-blá-blá. Estava sempre a enviar-me mensagens, ou a deixar mensagens no atendedor de chamadas. Quando eu tinha de trabalhar, ou se fazia planos contigo ou outros amigos, ele chateava-se ou amuava. Céus, era como ter uma esposa... no pior dos sentidos. Não quero ofender as esposas, até porque também já fui uma. Saía com ele apenas há um par de meses e ele já estava a pressionar-me para ir morar comigo. Eu não quero morar com ninguém.

— Não queres morar com a pessoa errada — corrigiu Lila.

— Ainda não estou preparada para morar com a pessoa certa. É demasiado cedo, depois do Maxim.

— Passaram cinco anos.

Julie abanou a cabeça e deu umas palmadinhas na mão de Lila. — É demasiado cedo. Aquele sacana traidor ainda me mexe com os nervos. Acho que tenho de esperar que ele deixe de me afetar. Odeio separações — acrescentou ela. — Ou nos deixam tristes, quando levamos com os pés, ou nos fazem sentir mal, quando somos nós a dar com os pés.

— Acho que nunca dei com os pés em ninguém, mas acredito em ti.
— Isso é porque os deixas pensar que a ideia foi deles. Além disso, não deixas as relações ficarem suficientemente sérias para merecerem o termo «dar com os pés».

Lila limitou-se a sorrir. — É demasiado cedo depois do Maxim — disse ela, e Julie riu-se. — Podemos encomendar a comida. Os clientes recomendaram-me um restaurante grego que eu ainda não experimentei.

— Desde que tenham *baklava* para sobremesa.

— Tenho *cupcakes*.

— Melhor ainda. Agora tenho tudo. Apartamento de luxo, bom vinho, comida grega a caminho e a minha melhor amiga. E um dançarino sensual... oh, e suado, — acrescentou ela, levantando de novo os binóculos, — sem orientação sexual definida.

— Gay — repetiu Lila, e levantou-se para ir buscar a ementa do *takeaway*.

Beberam o vinho quase todo com os *kebab* de cordeiro, e atiraram-se aos *cupcakes* por volta da meia-noite. Talvez não fosse a melhor das combinações, pensou Lila, considerando o ligeiro enjoo que sentia, mas era o indicado para uma amiga que estava mais perturbada com uma separação do que queria admitir.

Não por causa do sujeito, pensou Lila enquanto fazia a ronda para verificar o sistema de segurança, mas o ato em si e todas as questões que assaltavam a mente e o coração depois de consumado.

A culpa é minha? Porque não consegui fazer com que funcionasse? Com quem irei agora jantar?

Quando se vivia numa cultura de casais, uma pessoa podia sentir-se inferior por estar sozinha.

— Eu não me sinto assim — garantiu Lila ao gato, que se tinha enroscado na sua pequena cama, algures entre o último *kebab* e o primeiro *cupcake*. Não tenho problema nenhum em ser solteira. Assim, posso ir onde quero, quando quero, aceitar qualquer trabalho que me convenha. Estou a conhecer o mundo, *Thomas*, e, tudo bem, a falar com gatos, mas também não tenho problema nenhum com isso.

Ainda assim, desejava ter conseguido convencer Julie a passar lá a noite. Não apenas pela companhia, mas para a ajudar a tratar da ressaca que, seguramente, a amiga teria na manhã seguinte.

Os *cupcakes* eram uma desgraça, concluiu ela enquanto se preparava para se deitar. Tão pequeninos e engraçadinhos, que uma pessoa dizia para si mesma que era como não comer nada... até comer meia dúzia deles.

Agora o álcool e o açúcar corriam-lhe nas veias e ela nunca mais conseguiria adormecer.

Agarrou nos binóculos. Reparou que ainda havia algumas luzes acesas. Não era a única acordada às... credo, uma e quarenta da manhã.

O rapaz despido e suado ainda estava acordado, e na companhia de outro igualmente atraente. Cheia de si, Lila tomou nota mental de dizer a Julie que o seu radar de gays era realmente como o Super-homem.

O casal festivo ainda não se tinha deitado; na verdade, parecia que tinham acabado de chegar. Outra festa elegante, a avaliar pelos trajes. Lila admirou o cintilante vestido laranja da mulher e desejou conseguir ver os sapatos. E foi recompensada quando a mulher se baixou, apoiando uma mão no ombro do homem, e removeu uma dourada sandália de tiras, com um enorme salto e sola vermelha.

Hum... *Louboutin*.

Lila observou uns andares abaixo.

A louraça também ainda não se tinha deitado. Estava outra vez vestida de preto — um vestido justo e curto — e usava os cabelos apanhados num coque desalinhado. Tinha saído, especulou Lila, e a coisa não devia ter corrido muito bem.

Está a chorar, constatou Lila, apercebendo-se do modo como a mulher limpava o rosto enquanto falava. Falava depressa, com urgência. Devia estar a discutir com o namorado.

E onde estava ele?

Mas, mesmo mudando de ângulos, não conseguia vê-lo.

Deixa-o, aconselhou Lila. *Não devias deixar ninguém fazer-te assim tão infeliz. És linda e mereces muito mais do que...*

Lila assustou-se quando a cabeça da mulher foi projetada para trás com um golpe.

— Oh, meu Deus. Ele bateu-lhe! Canalha! Não...

Gritou quando a mulher tentou tapar o rosto e se encolheu enquanto era novamente agredida.

E a mulher chorava e suplicava.

Lila deu um salto até à mesinha de cabeceira, agarrou no telemóvel e voltou a dar um salto atrás.

Não conseguia vê-lo, não conseguia vê-lo com tão pouca luz, mas agora a mulher estava encurralada, de costas contra a janela.

— Chega, chega — murmurou Lila, preparando-se para ligar o número de emergência.

Então, tudo parou.

O vidro partiu-se. A mulher saiu disparada. De braços abertos, pernas agitadas e cabelos esvoaçantes como asas douradas, caiu catorze andares até ao brutal passeio.

— Oh, meu Deus! Meu Deus! — A tremer, Lila marcou o número no telemóvel.

— Número de emergência, qual é o problema?

— Ele empurrou-a. Ele empurrou-a e ela caiu da janela.

— Minha senhora...

— Espere. Espere. — Lila fechou os olhos por um instante e obrigou-se a respirar profundamente três vezes. *Sê clara*, ordenou a si mesma. *Dá os pormenores*.

— Fala Lila Emerson. Acabei de testemunhar um assassinato. Uma mulher foi empurrada da janela de um décimo quarto andar. Estou hospedada... — Demorou um momento a recordar o endereço dos Kilderbrand. — É o edifício em frente. Ah... fica a oeste de onde estou. Acho. Desculpe, não consigo raciocinar. Ela está morta. Só pode estar morta.

— Vou mandar já uma unidade. Pode aguardar em linha?

— Sim. Sim. Eu fico aqui.

Estremecendo, olhou de novo para o edifício em frente, mas agora o quarto do outro lado da janela partida estava escuro.

Dois

Lila vestiu-se e deu por si indecisa entre calças de ganga ou corsários. Era o choque, disse a si mesma. Estava um tanto abalada, mas não fazia mal. Ficaria bem.

Estava viva.

Vestiu umas calças de ganga, uma *t-shirt* e começou a deambular pelo apartamento com um confuso, mas complacente, *Thomas*.

Ela tinha visto a polícia chegar, e a pequena multidão que se tinha reunido apesar de serem quase duas da manhã. Mas não conseguia ficar a observar.

Não era como assistir a *CSI*, *Lei & Ordem*, *NCIS*, ou a qualquer outra série de televisão. A bonita loura que gostava de curtos vestidos pretos jazia desfeita e ensanguentada no passeio. O homem de cabelos castanhos ondulados, o homem com quem ela havia vivido, feito sexo, conversado, rido e discutido, empurrara-a para a morte.

Ela precisava de se acalmar. Precisava de se acalmar e de se manter calma, para conseguir dizer à polícia o que tinha visto. Com coerência. Embora odiasse reviver a situação, obrigou-se a revê-la na sua cabeça. O rosto coberto de lágrimas, os cabelos desalinhadados, os golpes. Obrigou-se a ver o homem como o tinha visto através da janela — a rir, agachado, a discutir. Esboçou aquele rosto na sua mente e gravou-o na memória para poder descrevê-lo à polícia.

A polícia estava a chegar, lembrou a si mesma. E sobressaltou-se ao ouvir a campainha.

— Tudo bem — murmurou a *Thomas*. — Está tudo bem.

Espreitou pelo óculo da porta, viu dois agentes de uniforme e leu cuidadosamente os seus nomes nos distintivos.

Fitzhugh e Morelli, repetiu para si enquanto abria a porta.

— Senhorita Emerson?

— Sim. Sim. Entrem. — Lila recuou um passo, tentando decidir o que fazer, o que dizer. — A mulher, ela... ela não pode ter sobrevivido à queda.

— Não, senhora. — Fitzhugh (a seu ver, o mais velho e experiente) tomou a iniciativa. — Pode dizer-nos o que viu?

— Sim. Eu... É melhor sentarmo-nos. Podemos sentar-nos? Devia ter feito café. Posso fazer café.

— Não se preocupe com isso. É um bom apartamento — disse ele, em tom informal. — É hóspede da família Kilderbrand?

— Como? Ah, não. Não, eles estão fora. Em França. Eu estou a cuidar da casa. Fico aqui enquanto eles estiverem fora. Não moro aqui. Seria melhor ligar-lhes? São... — Fitou o relógio. — Que horas são agora lá? Não consigo raciocinar.

— Não se preocupe com isso — repetiu ele, e conduziu-a a uma cadeira.

— Desculpem. Foi tão horrível. Ele estava a bater-lhe, depois deve tê-la empurrado, porque a janela partiu-se e ela... saiu disparada.

— Viu alguém a agredir a vítima?

— Sim. Eu... — Lila agarrou-se a *Thomas* mais um instante e depois pousou-o no chão. O gato correu de imediato para o agente mais novo e saltou-lhe para o colo.

— Desculpe. Posso colocá-lo na outra sala.

— Não tem importância. É um gato simpático.

— Pois é. É muito meigo. Às vezes os clientes têm gatos muito tímidos, ou simplesmente terríveis e... desculpem. — Calou-se e respirou tremulamente. — Deixem-me começar pelo início. Eu estava a preparar-me para me deitar.

Lila relatou-lhes o que tinha visto e levou-os até ao quarto para mostrar a vista. Quando Fitzhugh saiu para o terraço, ela foi preparar café e deu um antecipado pequeno-almoço a *Thomas* enquanto falava com *Morelli*.

Ficou a saber que ele era casado há um ano e meio, e que a mulher estava à espera do primeiro filho para janeiro. Ele gostava de gatos, mas preferia cães, e descendia de uma grande família italo-americana. O irmão tinha uma pizaria em Little Italy, Manhattan, e ele jogava basquetebol nas horas livres.

— Daria uma boa agente — disse-lhe ele.

— Verdade?

— Consegue obter informações. Já lhe contei metade da minha história de vida.

— Faço perguntas; não consigo controlar-me. Interesse-me pelas pessoas. E era por isso que estava à janela. Céus, ela deve ter família, pais, irmãos, alguém que a ame. Era linda e alta... talvez manequim.

— Alta?

— Oh, a janela onde ela estava encostada... — Lila levantou uma das mãos, com a palma para baixo, para indicar a altura. — Ela devia ter perto de um metro e oitenta.

— Sim, daria uma bela agente. Eu atendo — disse-lhe ele quando a campanha voltou a tocar.

Instantes depois, regressou com um homem de olhar cansado, na casa dos quarenta, e uma mulher de olhar astuto, dez anos mais nova. — Detetives Waterstone e Fine. Vão falar consigo agora. Cuide-se, senhorita Emerson.

— Oh, vai-se embora? Obrigada por... bem, obrigada. Sou capaz de ir comer uma fatia de piza ao restaurante do seu irmão.

— Faça isso. Detetives.

Quando o agente a deixou sozinha com eles, os nervos que ele tinha conseguido acalmar voltaram a dominá-la.

— Tenho café.

— Não me importava — disse Fine. Ela agachou-se para fazer festas ao gato. — Bonito gato.

— Pois é. Hum, como prefere o café?

— Simples, para os dois. Está hospedada aqui enquanto os Kilderbrand estão em França?

— Exatamente. — Era melhor manter as mãos ocupadas, pensou Lila. — Cuido de casas na ausência dos proprietários.

— Ganha a vida hospedando-se em casa de outras pessoas? — perguntou Waterstone.

— Não é propriamente ganhar a vida... é mais uma aventura. Ganho a vida como escritora. Chega para viver.

— Há quanto tempo está hospedada aqui? — perguntou Waterstone.
— Há uma semana. Desculpe, faz hoje uma semana e dois dias. Vou ficar três semanas, enquanto os meus clientes estiverem em França a visitar amigos e família.

— Já cá tinha estado?

— Não, são clientes novos.

— E o seu endereço?

— Na verdade, não tenho. Quando não estou a trabalhar, fico em casa de uma amiga; mas é raro. Mantenho-me ocupada.

— Não tem casa própria? — disse Fine.

— Não. Tenho menos despesas. Mas utilizo o endereço da minha amiga Julie Bryant para assuntos legais, para a correspondência. — Deu-lhes outro endereço em Chelsea. — Fico lá de vez em quando, entre trabalhos.

— Hum. Porque não nos mostra onde estava quando testemunhou o acidente?

— Por aqui. Estava a preparar-me para me deitar, mas estava um bocadinho agitada. Tive cá uma amiga... na verdade, a Julie... e bebemos um pouco de vinho. Muito vinho, para ser sincera, e eu estava um bocado agitada, por isso agarrei nos binóculos para observar as janelas.

— Binóculos — repetiu Waterstone.

— Estes. — Lila aproximou-se da janela do quarto e pegou neles. — Levo-os para todo o lado. Fico hospedada em diferentes bairros de Nova Iorque e... bem, todo o lado. Viajo. Acabo de regressar de um trabalho em Roma.

— Alguém em Roma contratou-a para que vigiasse a sua casa?

— Neste caso, um apartamento — disse ela a Fine. — Sim. É muito passa-palavra, recomendações de clientes, e também tenho um blogue. Gosto de observar pessoas, imaginar histórias com elas. É espiar — disse ela sem rodeios. — Não vejo a coisa dessa maneira, sinceramente não é essa a minha intenção, mas é espiar. É que... todas aquelas janelas são como pequenos mundos.

Waterstone agarrou nos binóculos e levantou-os para estudar o edifício. — Tem um bom ângulo de visão.

— Eles brigavam bastante, ou tinham conversas intensas, e depois faziam as pazes.

— Quem? — perguntou Fine.

— A «louraça» e o «senhor falinhas-mansas». Apelidei-os assim. A

casa era dela, porque... bem, a decoração era feminina, mas ele passava lá todas as noites; pelo menos, desde que aqui estou.

— Consegue descrevê-lo?

Lila anuiu com a cabeça a Waterstone. — Um pouco mais alto do que ela... talvez um metro e oitenta e cinco. Bem constituído, musculado; deve pesar uns noventa quilos. Cabelo castanho, ondulado. Faz covinhas quando sorri. Vinte e muitos anos, talvez. Muito atraente.

— O que é que viu exatamente esta noite?

— Consegua vê-la; usava um bonito vestido preto curto, os cabelos num coque desalinhado. Estava a chorar. Parecia estar a chorar e a limpar as lágrimas, e a falar depressa. A suplicar. Foi o que me pareceu. Depois, vi-o agredi-la.

— Viu o homem que a agrediu?

— Não. Vi alguém a agredi-la. Ele estava à esquerda da janela. Eu só vi o golpe... foi muito rápido. Uma manga escura. E a cabeça dela a ser projetada para trás. Ela tentou proteger o rosto, e ele bateu-lhe outra vez. Agarrei no meu telemóvel. Estava em cima da mesinha de cabeceira, com o carregador. Eu ia ligar à polícia, e olhei outra vez lá para fora e vi que ela estava encostada à janela... tinha as costas contra a janela. Não dava para ver nada lá para dentro. Então o vidro partiu-se e ela caiu. Ela caiu... foi tão rápido. Durante um minuto, não consegui tirar aquela imagem da cabeça. Chamei a polícia, e quando voltei a olhar para a janela, as luzes estavam apagadas. Não dava para ver nada.

— Não chegou a ver o agressor?

— Não. Só ela. Só a vi a ela. Mas alguém de lá, daquele prédio, deve conhecê-lo. Ou alguns amigos dela, a família. Alguém deve conhecê-lo. Ele empurrou-a. Ou talvez não fosse com intenção, mas bateu-lhe com tanta violência que partiu o vidro e ela caiu. Não importa. Ele matou-a e alguém o conhece.

— A que horas a viu pela primeira vez esta noite? — Waterstone pousou os binóculos.

— Por volta da uma e quarenta. Olhei para as horas quando fui para a janela, pensei que era demasiado tarde para estar acordada, por isso sei que era uma e quarenta. Um ou dois minutos depois, vi-a.

— Depois de ligar para o número de emergência, — começou Fine, — viu alguém sair do edifício?

— Não, mas não estava a olhar. Quando ela caiu, paralisei por instantes.

— A sua chamada ficou registada à uma e quarenta e quatro — disse-lhe Fine. — Quanto tempo se passou até a ver ser agredida?

— Deve ter sido menos de um minuto. Vi chegar o casal que mora dois andares acima; estavam vestidos como se tivessem estado numa festa elegante. E o... — *Não digas gay nu sensual.* — O homem do décimo segundo andar estava com um amigo. Depois vi-a a ela. Devia ser uma e quarenta e dois, ou quarenta e três, quando a vi. Se o meu relógio estiver certo.

Fine sacou do seu telemóvel, tocou no ecrã e mostrou-lho. — Reconhece este homem?

Lila estudou a fotografia da carta de condução. — É ele! É o namorado. Tenho a certeza. Noventa e nove por cento... não, noventa e seis por cento de certeza. Já o apanharam. Vou testemunhar. — Lágrimas de compaixão alagaram-lhe os olhos. — O que precisarem. Ele não tinha o direito de a magoar daquela maneira. Farei tudo o que precisarem que eu faça.

— Agradecemos, senhorita Emerson, mas não precisamos que testemunhe contra este indivíduo.

— Mas ele... Ele confessou?

— Não exatamente. — Fine guardou o telemóvel. — Ele vai a caminho da morgue.

— Não compreendo.

— Parece que o homem que viu com a vítima a empurrou da janela e depois sentou-se no sofá, enfiou o cano de um revólver calibre .32 na boca e puxou o gatilho.

— Oh. Oh, meu Deus. — Lila recuou com passos titubeantes e sentou-se aos pés da cama. — Oh, meu Deus. Ele matou-a e depois matou-se.

— É o que parece.

— Porquê? Porque é que ele faria uma coisa dessas?

— É uma boa pergunta — disse Fine. — Vamos recapitular.

Quando a polícia se foi embora, Lila estava acordada há quase vinte e quatro horas. Queria ligar a Julie, mas conteve-se. Para quê fazer com que a amiga começasse o dia de modo tão horrível?

Ponderou ligar à mãe — sempre uma rocha em qualquer crise — e imaginou como correria a conversa.

Depois de lhe dar todo o seu apoio e solidariedade, seguir-se-ia: «Porque é que vives em Nova Iorque, Lilinha? É tão perigoso. Vem morar

comigo e com o teu pai (o tenente-coronel, reformado) em Juneau. No Alasca.»

— Também não quero falar do assunto outra vez. Neste momento, não consigo repetir tudo outra vez.

Resolveu deitar-se na cama, ainda vestida, e abraçou-se a *Thomas* quando este se juntou a si.

E, para sua surpresa, adormeceu poucos segundos depois.

Acordou com o coração aos saltos e as mãos agarradas à cama, aflita com a sensação de queda.

Reação, disse a si mesma. Uma reação de projeção. Levantou-se e viu que tinha dormido até ao meio-dia.

Era o suficiente. Precisava de tomar um duche, de trocar de roupa e de sair dali para fora. Fizera tudo o que estava ao seu alcance, contara tudo o que vira à polícia. O «senhor falinhas-mansas» havia matado a louraça e cometido suicídio, ceifando duas vidas, e nada podia mudar isso. De nada valia ficar obcecada com o assunto.

Mas, obcecada, agarrou no iPad e fez uma busca por notícias relacionadas com o assassinato.

— «Manequim de passarela cai em direção à morte» — leu ela. — Eu sabia. Ela tinha corpo para isso.

Agarrou no último *cupcake*, apesar de saber que não devia, e comeu-o enquanto lia a pequena nota sobre as duas mortes. Sage Kendall. Até tinha nome de manequim, pensou Lila. — E Oliver Archer. O «senhor falinhas-mansas» também tinha nome. Ela tinha apenas vinte e quatro anos, *Thomas*. Era quatro anos mais nova do que eu. Fez alguns anúncios. Será que eu já a tinha visto? E porque é que isso parece piorar ainda mais a coisa?

Não, precisava de parar, fazer o que havia pensado fazer. Lavar-se e sair um bocado.

O duche ajudou, bem como pôr um leve vestido de verão e umas sandálias. A maquilhagem ajudou mais, admitiu, pois continuava pálida e de olhos encovados.

Afastar-se-ia do bairro, dos próprios pensamentos, e talvez procurasse um lugar para um almoço rápido e decente. Depois podia ligar a Julie, talvez pedir-lhe que lá fosse outra vez, para poder desabafar tudo aquilo com alguém compreensivo e que não a julgasse.

— Volto daqui a umas horas, *Thomas*.

Encaminhou-se para a porta, voltou atrás e agarrou no cartão que a detetive Fine lhe tinha dado. Não conseguiria parar definitivamente com aquela obsessão até deixar de estar preocupada com o assunto, disse a si mesma. E não tinha mal nenhum a testemunha ocular de um assassinato perguntar à detetive responsável pela investigação se tinham arquivado o caso.

Em qualquer caso, seria uma curta e agradável caminhada. Talvez usasse a piscina quando regressasse. Como não era moradora, não deveria, supostamente, fazer uso da piscina nem do ginásio do condomínio, mas a atenciosa Macey tinha conseguido contornar a questão.

Poderia dar umas braçadas para atenuar a fadiga, o *stress* e a ansiedade, e terminar o dia com uma sessão de pranto no ombro da melhor amiga.

No dia seguinte voltaria ao trabalho. A vida tinha de continuar. A morte lembrava todos de que a vida tinha de continuar.

Ash esvaziou o conteúdo do saco. «Bens», chamavam-lhes eles. Bens pessoais. O relógio, o anel, a carteira com demasiado dinheiro e demasiados cartões de crédito. O porta-chaves de prata da Tiffany. Provavelmente o relógio e o anel também seriam de lá... ou da Cartier, ou de alguma outra loja que Oliver tivesse considerado suficientemente importante. O elegante isqueiro de prata também.

Todas as reluzentes bugigangas de bolso que o irmão havia reunido no seu último dia de vida.

Oliver, sempre à beira do grande acontecimento seguinte, da grande conquista seguinte. O encantador e descuidado Oliver.

Morto.

— Ele tinha um iPhone, que ainda estamos a examinar.

— O quê? — Levantou os olhos em direção à detetive... Fine, recordou. Detetive Fine, com os olhos azul-claros repletos de segredos. — Desculpe, o quê?

— Ainda estamos a analisar o telemóvel dele, e quando terminarmos no apartamento, vamos precisar que nos acompanhe para identificar os seus haveres. Como eu já disse, a carta de condução dele apresenta um endereço de West Village, mas a informação que temos é que se mudou de lá há três meses.

— Pois, já disse. Não sei.

— Não o via há...?

Ash já lhe tinha dito tudo, e ao parceiro carrancudo, quando haviam aparecido à sua porta, nas águas-furtadas. «Notificação», tinham-lhe chamado eles. Bens pessoais, notificação. Coisas próprias de romances policiais e séries televisivas. Não da sua vida.

— Há uns meses. Três ou quatro, penso eu.

— Mas falou com ele há poucos dias.

— Ele ligou-me para irmos beber um copo, pôr a conversa em dia. Eu estava ocupado e despachei-o; disse-lhe que ficava para a próxima semana. Céus. — Ash pressionou os olhos com os dedos.

— Eu sei que isto é difícil. O senhor disse que não conhecia a mulher com quem ele estava a viver há três meses, quase quatro.

— Não. Ele falou nela quando me ligou. Gabou-se um bocado, por ela ser uma modelo atraente. Não prestei muita atenção. O Oliver tem a mania de se gabar, é do feitio dele.

— Ele não lhe disse que tinha problemas com a modelo atraente?

— Muito pelo contrário. Disse que ela era fantástica, que se davam muito bem, que tudo corria às mil maravilhas. — Olhou para as mãos e reparou que o polegar tinha uma mancha azul cerúleo.

Estava a pintar quando os detetives haviam chegado a sua casa. Tinha ficado irritado com a interrupção... e depois o seu mundo desabara.

Tudo desabara com umas poucas palavras.

— Sr. Archer?

— Sim. Sim. Estava tudo ótimo. O Oliver é assim. Está tudo ótimo a menos que...

— A menos que?

Ash passou as mãos pelos cabelos negros. — Olhe, ele é meu irmão e agora está morto e eu estou a tentar processar isso. Não vou atacá-lo.

— Não se trata de o atacar, Sr. Archer. Quanto melhor eu o conhecer, melhor poderei descobrir o que aconteceu.

Talvez fosse verdade, talvez sim. Quem era ele para julgar?

— OK, o Oliver gostava do que era bom. Bons negócios, mulheres atraentes, clubes da moda. Gostava de se divertir.

— Viver à grande.

— Sim, pode-se dizer isso. Gostava de se considerar um jogador, mas não era. Para o Oliver tinha de ser sempre a mesa das grandes apostas, e quando ganhava, quer fosse ao jogo, nos negócios, ou mulheres, perdia

tudo e mais na jogada seguinte. Por isso, era tudo fantástico, até as coisas darem para o torto e ele precisar de alguém para o tirar do buraco. É charmoso e esperto e... era. — A palavra dilacerou-o. Oliver nunca mais seria charmoso nem esperto. — Era o menino mais novo da mamã, o único filho varão. Basicamente, estragaram-no com mimos.

— Disse que ele não era violento.

— Não. — Ash deixou o sofrimento para trás, ficaria para mais tarde, e deixou a irritação aflorar. — Eu não disse que o Oliver não era violento, disse que era o oposto disso. — A acusação de que o irmão havia assassinado alguém era como uma punhalada no estômago. — Conseguia livrar-se de apertos por via da lábia, ou então fugia. Quando não conseguia livrar-se de um aperto, o que era raro, nem fugir do mesmo, escondia-se.

— Contudo, temos uma testemunha que afirma que ele agrediu múltiplas vezes a namorada antes de a empurrar da janela de um décimo quarto andar.

— A testemunha está enganada — disse simplesmente Ash. — O Oliver é a pessoa com mais lábia e mania de grandeza que eu conheço, mas nunca agrediria uma mulher. E, seguramente, não mataria nenhuma. Acima de tudo? Nunca se mataria.

— Havia muito álcool e drogas no apartamento. Oxicodona, coca, marijuana, *Vicodin*.

Enquanto ela falava, com a frieza típica de um agente da polícia, Ash imaginou-a como uma Valquíria: impassível no seu poder. Pintá-la-ia montada num cavalo, asas dobradas, a contemplar um campo de batalha, de rosto empedernido, enquanto decidia quem vivia e quem morria.

— Continuamos à espera do resultado dos exames toxicológicos, mas havia comprimidos, uma garrafa de uísque meio vazia e um copo ainda com um dedo do mesmo em cima da mesa junto ao corpo do seu irmão.

Drogas, álcool, assassinato, suicídio. A família ia sofrer, pensou Ash. Precisava de arrancar aquela faca do estômago e fazê-los ver que estavam enganados.

— As drogas e o álcool... não discuto. O Oliver não era nenhum menino do coro. Mas quanto ao resto? Não acredito. A testemunha está a mentir, ou está enganada.

— A testemunha não tem nenhuma razão para mentir. — Assim que disse isto, Fine avistou Lila, com o crachá de visitante preso à alça do vestido, a entrar na sala principal da esquadra. — Dê-me um minuto.

— Levantou-se e intercetou-a. — Senhorita Emerson. Lembrou-se de mais alguma coisa?

— Não, lamento. Mas não consigo tirar isto da cabeça. Estou sempre a vê-la cair. Estou sempre a vê-la suplicar antes de ele... Desculpe. Precisava de sair e lembrei-me de passar por cá para ver se tinham concluído... se tinham arquivado o caso. Se têm a certeza do que aconteceu.

— A investigação ainda está em curso. Estamos à espera de uns relatórios e a interrogar outras pessoas. Leva algum tempo.

— Eu sei. Desculpe. Pode avisar-me quando estiver concluído?

— Farei isso. A sua colaboração foi preciosa.

— E agora estou a atrapalhar. É melhor ir-me embora. Está ocupada. — Perscrutou a esquadra. Secretárias, telefones, computadores, pilhas de dossiês e uma mão-cheia de homens e de mulheres a trabalhar. E um homem de *t-shirt* preta e calças de ganga a enfiar cuidadosamente um relógio num envelope almofadado. — Estão todos ocupados.

— Agradecemos a sua ajuda. — Fine esperou que Lila saísse, antes de voltar para junto da sua secretária e de Ash.

— Olhe, eu já lhe contei tudo o que me ocorreu — começou ele, e levantou-se. — Já o repeti um par de vezes. Tenho de entrar em contacto com a mãe dele e a minha família. Preciso de algum tempo para processar isto.

— Compreendo. Pode ser que tenhamos de voltar a falar consigo, e entraremos em contacto quando já puder entrar no apartamento. Lamento a sua perda, Sr. Archer.

Ele limitou-se a anuir com a cabeça e saiu.

E procurou imediatamente a morena com o vaporoso vestido de verão. Vislumbrou-a — saia verde e longo rabo de cavalo liso castanho-escuro — a descer as escadas.

Não havia conseguido perceber muito da conversa dela com a agente policial, mas o suficiente para estar convicto de que ela havia visto alguma coisa relacionada com a morte de Oliver.

Embora as escadas estivessem quase tão movimentadas como os corredores e a sala principal da esquadra, conseguiu alcançá-la e tocar-lhe no braço.

— Desculpe, senhorita... Lamento, mas não consegui perceber o seu nome lá em cima.

— Oh. Lila. Lila Emerson.

— Certo. Gostaria de falar consigo, se tiver uns minutos.

— Está bem. Está a trabalhar com os detetives Fine e Waterstone?

— De certo modo.

No piso térreo, com os agentes a circular e os visitantes a passarem pela segurança, Lila retirou o crachá e pousou-o no balcão do sargento. Após uma brevíssima hesitação, Ash tirou o seu do bolso e fez o mesmo.

— Sou irmão do Oliver.

— Oliver? — Lila refletiu por instantes, indicando-lhe que ela não conhecera Oliver pessoalmente. Então, ela arregalou os olhos. — Oh. Oh, lamento. Lamento imenso.

— Obrigado. Se pudesse falar sobre o assunto comigo, podia ser que...

— Não sei se devo, se posso. — Lila olhou em redor, avaliando o terreno. Depois voltou a olhar para o rosto dele, repleto de sofrimento. — Não sei.

— Um café. Deixe-me pagar-lhe um café. Num local público. Deve haver um café aqui por perto, e provavelmente estará cheio de polícias. Por favor.

Os olhos dele eram como os de *Thomas* — penetrantes e verdes —, mas ela conseguia vislumbrar a sua tristeza. O rosto tinha traços vincados, como se alguém os tivesse esculpido com uma lâmina bem afiada. A barba por fazer dava-lhe um aspeto fascinantemente perigoso, mas os olhos...

Ele tinha acabado de perder o irmão e, pior ainda, o irmão havia acabado com duas vidas. A morte, por si só, era um golpe suficientemente duro, mas assassinio com suicídio devia ser brutal para a família.

— Claro. Há um do outro lado da rua.

— Obrigado. Ash — disse ele, estendendo a mão. — Ashton Archer.

Ela sentiu um arrepio na nuca ao ouvir aquele nome, mas estendeu também a mão. — Podes tratar-me por Lila.

Ele acompanhou-a até lá fora e anuiu com a cabeça quando ela apontou para o café do outro lado da rua.

— Lamento imenso — disse ela, enquanto esperavam que o semáforo abrisse ao lado de uma mulher que discutia amargamente ao telemóvel. — Não consigo imaginar perder um irmão. Não tenho nenhum, mas não consigo imaginar como seria perder um. Tens mais família?

— Outros irmãos?

— Sim.

Ash olhou para ela enquanto atravessavam a rua, arrastados pela

vaga de tráfego pedestre. — Somos catorze. Treze — corrigiu. — Agora somos treze. Número do azar — disse ele em voz baixa.

A mulher ao telemóvel avançava ao lado de Lila e continuava a falar num esganiçado tom agudo. Um par de raparigas adolescentes seguia uns passos à frente, falando e soltando risadinhas por causa de alguém chamado Brad. Ouviram-se algumas buzinelas quando a luz do semáforo mudou.

Certamente não o tinha ouvido bem. — Desculpa, o que é que disseste?

— O número treze dá azar.

— Não, estava a referir-me... Disseste que tens treze irmãos e irmãs?

— Doze. Comigo somos treze. — Quando ele abriu a porta do café, foram recebidos pelo cheiro a café e a bolos e por um barulho intenso.

— A tua mãe deve ser... — *Louca*, ocorreu-lhe dizer. — Espetacular.

— Gosto de pensar que sim. São meios-irmãos — acrescentou ele, sentando-se numa mesa vazia com dois lugares. — O meu pai casou cinco vezes. A minha mãe vai no terceiro casamento.

— Isso é... uau.

— Pois, moderna família americana.

— No Natal deve ser uma balbúrdia em casa. Vivem todos em Nova Iorque?

— Não exatamente. Café? — perguntou ele quando uma empregada de mesa se aproximou.

— Na verdade, pode ser uma limonada? Já bebi café suficiente por hoje.

— Para mim, café. Simples.

Ash recostou-se por um momento e estudou-a. Um rosto agradável, decidiu. Tinha algo de fresco e sincero, embora conseguisse ver sinais de *stress* e fadiga, principalmente nos olhos, de um castanho intenso, escuros como os cabelos, com uns leves raios dourados em torno da íris. Olhos de cigana, pensou ele, e embora de exótico ela não tivesse nada, imaginou-a imediatamente vestida de vermelho; corpete vermelho e saia até aos pés, muitos adornos coloridos. Dançando, a meio de um rodopio, cabelos esvoaçantes. Rindo-se enquanto a fogueira ardia atrás dela.

— Sentes-te bem? Pergunta estúpida — disse ela de imediato. — Claro que não.

— Não. Desculpa. — Não era a hora, nem o lugar, nem a mulher, disse para si mesmo. E inclinou-se para a frente. — Não conhecias o Oliver?

— Não.

— E a mulher? Como se chamava ela... Rosemary¹?

— Sage². Enganaste-te na erva. Não, não conhecia nenhum dos dois. Estou hospedada no mesmo condomínio e estava à janela. Eu vi...

— O que é que viste? — Fechou a mão sobre a dela, mas retirou-a rapidamente quando a sentiu ficar tensa. — Podes dizer-me o que viste?

— Vi-a a ela. Aflita, a chorar, e alguém a bater-lhe.

— Alguém?

— Não consegui vê-lo. Mas já lá tinha visto o teu irmão. Tinha-os visto, por diversas vezes, juntos no apartamento. A discutirem, a conversarem, a fazerem as pazes. Sabes como é.

— Não tenho a certeza disso. O teu apartamento fica de frente para o dela? Para o deles — corrigiu ele. — A polícia disse que ele estava a viver lá.

— Não exatamente. O apartamento não é meu. Estou hospedada lá. — Calou-se por instantes quando a empregada de mesa chegou com a limonada e o café. — Obrigada — disse ela, dirigindo um sorriso rápido à empregada. — Vou ficar lá durante umas semanas, enquanto os inquilinos estão de férias e... sei que vai parecer intrometido e invasivo, mas gosto de observar pessoas. Fico hospedada em muitos sítios interessantes e levo binóculos, por isso...

— Andas armada em Jimmy Stewart.

— Sim! — disse ela com alívio, soltando uma gargalhada. — Sim, como no filme *Janela Indiscreta*. Só que ninguém está à espera de ver o Raymond Burr a enfiar os pedaços da mulher morta numa arca e a arrastá-la para fora de casa. Ou eram malas de viagem? Seja como for. Não considero que seja espiar, pelo menos não até isto ter acontecido. É como no teatro. Na verdade, o mundo todo é um palco e eu gosto de estar no meio do público.

Ash foi direito ao cerne da questão. — Mas não viste o Oliver. Não o viste agredi-la? Não o viste empurrá-la?

— Não. Já disse à polícia. Vi alguém a agredi-la, mas não tinha ângulo de visão para conseguir ver quem era. Ela estava a chorar, assustada, a suplicar; conseguia perceber tudo isso pela expressão do seu rosto. Agarrei no telemóvel para ligar para o número de emergência, e então... Ela foi projetada pela janela. O vidro partiu-se e ela saiu disparada e caiu.

¹ *Rosemary*: alecrim. (N. de T.)

² *Sage*: salva. (N. de T.)

Desta vez Ash colocou a mão sobre a dela, e não a retirou porque a dela tremia. — Calma.

— Não paro de ver esta imagem. Estou sempre a ver o vidro a partir e ela a sair disparada, de braços abertos e a agitar as pernas. Oiço-a gritar, mas isso é fruto da minha imaginação. Não a ouvi. Lamento o que aconteceu ao teu irmão, mas...

— Ele não fez isso.

Lila manteve-se em silêncio por um momento, levantou o copo e bebericou um pouco de limonada.

— Ele não era capaz de fazer isso — disse Ash.

Quando ela levantou os olhos em direção aos dele, irradiava compreensão e compaixão.

Não era nenhuma Valquíria, pensou ele. Era demasiado sensível.

— O que aconteceu foi terrível.

— Achas que eu não consigo aceitar que o meu irmão seria capaz de matar alguém e de se suicidar depois. Não é isso. Eu sei que ele não era capaz de fazer isso. Nós não éramos muito chegados. Não o via há alguns meses, estávamos poucas vezes juntos. Ele era mais chegado à Giselle, têm idades mais próximas. Mas ela está... — A tristeza voltou a apoderar-se dele. — Não sei bem. Talvez em Paris. Tenho de descobrir. Ele era um chato — continuou Ash. — Um manipulador, sem o instinto de assassino necessário a um manipulador. Muito charme e muita lábia, e muitas ideias geniais sem qualquer sentido prático de como as executar. Mas nunca agrediria uma mulher. — Ela tinha-os observado, recordou. — Disseste que eles discutiam muito. Alguma vez o viste agredi-la, empurrá-la?

— Não, mas...

— Não me interessa se ele estava pedrado, bêbedo ou as duas coisas. Ele nunca agrediria uma mulher. E nunca se mataria. Qualquer que fosse o buraco onde se tivesse enfiado, acreditaria sempre que alguém o haveria de tirar de lá. O Oliver era um eterno otimista.

Ela queria ser cautelosa; queria ser amável. — Por vezes não conhecemos tão bem as pessoas como julgamos.

— Tens razão. O Oliver estava apaixonado. Ou estava apaixonado, ou andava à procura disso. Ele estava envolvido. Quando estava pronto para saltar fora, começava a esquivar-se, desaparecia durante uns tempos e depois mandava um presente caro à mulher com um bilhete de arrependimento, tipo «a culpa não é tua, é minha». Com tantos divórcios repletos de drama, ele optava pela rutura simples e desapaixonada. E sei que ele

era demasiado vaidoso para enfiar uma arma na boca e puxar o gatilho. Se quisesse suicidar-se, e ele nunca ficaria desesperado a esse ponto, teria optado por tomar comprimidos.

— Eu acho que a queda dela foi um acidente. Uma coisa que aconteceu no calor do momento. E depois ele deve ter ficado fora de si.

Ash abanou a cabeça. — Ele ter-me-ia telefonado, ou vindo a correr ter comigo. É o filho mais novo, e único filho varão, da mãe dele, por isso foi bastante mimado. Quando havia problemas, chamava alguém para o ajudar a sair deles. Era instintivo. «Ash, estou com um problema. Tens de resolver as coisas.»

— Ele costumava recorrer a ti.

— Para resolver os grandes problemas, estava cá eu. Ele nunca misturaria comprimidos com uísque — acrescentou Ash. — Teve uma ex-namorada que foi por esse caminho e isso assustou-o. Recorria a uma coisa ou a outra, e era capaz de abusar de qualquer uma delas, mas nunca misturaria as duas.

»Não faz sentido. Não faz — insistiu ele. — Tu disseste que os tinhas visto juntos no apartamento, que os tinhas observado.

Desconfortável com a conversa, ela mexeu-se no assento. — É verdade. É um hábito terrível. Preciso de parar.

— Viste-os brigar, mas ele nunca a agredia fisicamente.

— Não... Não, ela era mais física. Atirava coisas, geralmente quebráveis. Uma vez, atirou-lhe um sapato.

— O que fez ele?

— Agachou-se. — Lila sorriu ligeiramente e ele vislumbrou a pequena covinha, um breve instante de alegria, no canto direito da boca dela. — Bons reflexos. Acho que ela gritava muito... e empurrou-o uma vez. Ele falava muito, gesticulava, mas mantinha a calma. Era por isso que eu o tratava por «senhor falinhas-mansas». — Arregalou os olhos, aflita. — Oh, meu Deus. Desculpa.

— Não, estás certa. Ele era um falinhas-mansas. Ele nunca se enfurecia, não a ameaçava, não se tornava violento? Nunca a empurrou?

— Não. Uma vez, disse-lhe algo que a fez rir. Pude ver, perceber, que ela não queria rir-se, mas ela virou-se e sacudiu os cabelos. E ele aproximou-se e... envolveram-se fisicamente. As pessoas deviam fechar as cortinas se não querem público.

— Ela atirava-lhe coisas, gritava-lhe, empurrava-o. E ele conseguia safar-se com conversa, com sexo. Esse é o Oliver.

Ele nunca reagia com violência, refletiu Lila. Todos os dias tinham alguma discussão, ou briga, algum tipo de desentendimento, mas ele nunca lhe batia. Nunca lhe tocava a não ser como prelúdio para o sexo.

Contudo...

— Mas o facto é que ela foi empurrada janela fora e que ele se suicidou.

— Ela foi empurrada, mas não foi ele quem a empurrou... e também não se matou. Por isso, havia mais alguém no apartamento. Estava lá mais alguém — repetiu ele — que matou os dois. As questões são quem e porquê.

O que ele estava a dizer parecia plausível, parecia... lógico. E a lógica fê-la duvidar. — Mas não haverá outra questão? Como?

— Tens razão. Três questões. Se respondermos a uma, talvez respondamos às restantes. — Manteve os olhos fixos nos dela. Agora via mais do que compaixão. Via aflorar o interesse. — Posso ver o teu apartamento?

— O quê?

— A polícia não me vai deixar entrar ainda no apartamento do Oliver. Quero vê-lo pela perspectiva que tiveste naquela noite. E tu não me conheces — disse ele antes que ela pudesse falar. — Tens alguém que pudesse estar lá contigo, para não ficares sozinha comigo?

— Talvez. Posso tentar conseguir isso.

— Ótimo. Vou dar-te o meu número. Trata disso e depois liga-me. Eu só preciso de ver... tenho de conseguir ver.

Lila agarrou no telemóvel e introduziu o número que ele lhe facultou. — Tenho de voltar. Já me ausentei mais tempo do que tencionava.

— Obrigado por teres falado comigo. Por me teres ouvido.

— Lamento o que aconteceu. — Lila levantou-se e tocou-lhe no ombro. — Por ti, pela mãe dele, pela tua família. Espero que consigas as respostas, sejam elas quais forem. Se conseguir arranjar alguém, ligo-te.

— Obrigado.

Deixou-o sentado na estreita mesa, a fitar o café em que não havia tocado.